



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS DE CHAPECÓ
CURSO DE AGRONOMIA**

LUCIANE MARIA BERNARDI

**CARACTERIZAÇÃO DA DISPONIBILIDADE DE MUDAS E PARTES SECAS DE
PLANTAS MEDICINAIS, AROMÁTICAS, CONDIMENTARES NAS
FEIRAS LIVRES DO MUNICÍPIO DE CHAPECÓ-SC**

CHAPECÓ

2016

LUCIANE MARIA BERNARDI

**CARACTERIZAÇÃO DA DISPONIBILIDADE DE MUDAS E PARTES SECAS DE
PLANTAS MEDICINAIS, AROMÁTICAS, CONDIMENTARES NAS
FEIRAS LIVRES DO MUNICÍPIO DE CHAPECÓ-SC**

Trabalho de Conclusão do Curso de Agronomia-
ênfase em Agroecologia da Universidade Federal da
Fronteira Sul, como requisito para obtenção do título
de Bacharel em Agronomia.

Orientador: Prof. Dr. André Luiz Radünz

**CHAPECÓ
2016**

DGI/DGCI - Divisão de Gestão de Conhecimento e Inovação

Bernardi, Luciane Maria

Caracterização da disponibilidade de mudas e partes secas de plantas medicinais, aromáticas, condimentares nas feiras livres do município de Chapecó-SC/ Luciane Maria Bernardi. -- 2016.

36 f.:il.

Orientador: André Luiz Radünz.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Agronomia , Chapecó, SC, 2016.

1. Plantas bioativas. 2. Agricultura familiar. 3. Comercialização. I. Radünz, André Luiz, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

LUCIANE MARIA BERNARDI


**CARACTERIZAÇÃO DA DISPONIBILIDADE DE MUDAS E PARTES SECAS
DE PLANTAS MEDICINAIS, AROMÁTICAS, CONDIMENTARES NAS
FEIRAS LIVRES DO MUNICÍPIO DE CHAPECÓ-SC**

Trabalho de Conclusão do Curso de Agronomia-ênfase em Agroecologia da
Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito para obtenção do título de
Bacharel em Agronomia.

Orientador: Prof. Dr. André Luiz Radünz

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 08/12/2016

BANCA EXAMINADORA



~~André Luiz Radünz~~

Prof. Dr. André Luiz Radünz – UFFS
(Orientador)



Prof. Dr. João Guilherme Dal Belo Leite – UFFS
(Examinador 1)



Prof.^a. Dra. Tânia Regina Pelizza - UFFS
(Examinadora 2)

Aos meus pais Dorvalino e Delirides, por me possibilitar a dádiva da vida e por me ensinarem os valores e princípios que me fazem crescer como pessoa. A minha irmã Marcia pelo incentivo e apoio durante toda esta caminhada. Ao meu cunhado Inácio; A nossa querida sobrinha e afilhada Gabriela Valentina pelos momentos de alegria e descontração. Ao meu companheiro Clóvis, presente, atuante e amigo. Por fim, mas não menos importante à Deus, que nos permite a magnífica oportunidade de existir.

AGRADECIMENTOS

Quando concluímos uma etapa em nossas vidas, é necessário agradecer a todos àqueles que estiveram ao nosso lado. Por isso neste momento tão importante olho para trás e vejo que não trilhei este caminho sozinha, contei com o apoio e colaboração de muitas pessoas cujas contribuições foram essenciais para a realização deste sonho. Tive a oportunidade de conviver com pessoas amáveis, sinceras e, acima de tudo, humanas, as quais contribuíram para minha formação pessoal e profissional.

Inicialmente agradeço a Deus, fonte de vida, luz e sabedoria, por me fazer ver que não há vitória sem luta, mas que com sua presença é possível superar todas as dificuldades da vida.

Aos meus familiares pelo apoio durante toda esta trajetória.

Ao orientador Professor Doutor André Luiz Radünz por ter aceito este desafio de nos orientar, agradecemos pelo apoio, atenção e pelas contribuições feitas ao bom desenvolvimento e êxito na conclusão deste trabalho.

À Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Chapecó, pela oportunidade de engrandecimento pessoal e profissional.

A todos os amigos e colegas de graduação, pela amizade e companheirismo construídos durante o curso.

Aos feirantes que possibilitaram a realização deste trabalho.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho, nossos sinceros agradecimentos.

MUITO OBRIGADA!

RESUMO

As espécies medicinais, aromáticas e condimentares (MAC) tem sido foco de atenção e ganhado legitimidade e importância, pois além da sua crescente exploração na culinária, foram implementadas políticas públicas de promoção ao uso das espécies medicinais no Sistema Único de Saúde (SUS), a partir do Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, mas também pelo seu uso na agricultura, através de práticas sustentáveis de manejo dos agroecossistemas. Neste contexto, acredita-se que a agricultura familiar possa ser inserida na discussão, por ser uma categoria com potencial para cultivar e utilizar as espécies medicinais, aromáticas e condimentares nas propriedades. Somando-se a esta realidade a possibilidade destas espécies contribuírem para o desenvolvimento local por serem alternativas produtivas para diversificação da matriz produtiva das unidades familiares e desta forma contribuir com a geração de renda nas propriedades. Nesta ótica, visualizam-se as feiras livres com um importante papel, pois são espaços de aproximação entre o consumidor e os feirantes, que contribuem com o desenvolvimento econômico e social, ainda caracterizando-se pela troca de saberes. Através da realização deste trabalho, objetivou-se avaliar a disponibilidade de mudas e partes secas de plantas medicinais, aromáticas, condimentares (MAC), em duas datas de avaliação, ofertadas aos consumidores nas feiras livres do município de Chapecó-SC. A pesquisa foi conduzida no município de Chapecó, sendo os dados coletados através de visitas a todas as feiras livres identificadas pela pesquisa no município, em dois diferentes momentos, o primeiro em julho e o segundo em setembro de 2016, com o propósito de comparar a oferta das espécies de acordo com a sazonalidade de oferta. Realizou-se a análise visual da disponibilidade de mudas e partes secas de plantas MAC expostas para comercialização. Os dados coletados foram tabelados e analisados graficamente para facilitar a comparação e a visualização dos resultados. Os resultados demonstraram que foram localizados 10 espaços de realização das feiras livres em Chapecó – SC, totalizando 16 momentos de feiras, distribuídos entre os dias da semana, sendo 2 na terça (Calçadão pela manhã e Bairro Presidente Médici à tarde), 4 na quarta (Centro, Parque das Palmeiras e Bairro São Cristóvão durante a manhã e Bairro Efapi à tarde), 1 na sexta, na parte da tarde na feira do Loteamento Expoente e 9 no sábado, todas pela manhã, não tendo feira apenas no Loteamento Expoente. As feiras livres oferecem espécies de plantas medicinais, aromáticas e condimentares tanto na forma de mudas quanto de partes secas. Entretanto, em geral, o maior número é de partes secas, em média, 72%. O momento de coleta de dados influenciou na disponibilidade de algumas espécies de MACs, contudo de maneira geral a maioria das espécies não foi influenciada pela data de avaliação. As espécies mais recorrentes encontradas nas feiras livres foram: *Ruta graveolens* L., *Chamomilla recutita* L., *Rosmarinus officinalis* L., *Aloysia triphylla* Royle, *Mentha pulegium* L., *Plecthantus barbathus* Andrews., *Citrus bergamia* Risso & Poiteau., *Mikania glomerata* Spreng, *Lavandula angustifolia* Mill., *Mentha piperita* L., *Artemisia absinthium* L., *Salvia officinalis* L., *Ocimum selloi* Benth., *Origanum majorana* L., *Achyrocline satureoides* (Lam.) DC., *Malva sylvestris* L., sendo encontradas tanto em mudas como partes secas.

Palavras-chave: Plantas bioativas. Agricultura familiar. Comercialização.

ABSTRACT

Medicinal, aromatic and spice species (MAS) have been the focus of attention and have gained legitimacy and importance thanks to their growing exploration in cooking, the implementation of public policies to promote the use of medicinal species in the Unified Health System (SUS – Sistema Único de Saúde) from the National Program of Medicinal Plants and Phytotherapeutics, and also for their use in agriculture, through practices of sustainable agroecosystem management. In this context, it is believed that family farming can be inserted into the discussion, provided that it is a category with the potential to cultivate and use MAS species in properties. Additionally, there is the possibility of these species contributing to the local development, as productive alternatives for diversification of the productive matrix of family farms, thus, contributing to farmers income. From this point of view, farmers markets are seen as important events, as they constitute a place where consumers and farmers can interact, contributing to the economic and social development of a region, yet characterized by the exchange of knowledge among producers and consumers. The aim of this work was to evaluate the availability of MAS plant parts and seedlings, in two evaluation dates, offered to consumers at farmers in the city of Chapecó-SC. The research was conducted in Chapecó-SC, and the data were collected through visits to all farmers identified by the research, in two different moments, the first in July and the second in September 2016, in order to compare the availability of species according to the seasonality of production. A visual analysis of the availability of seedlings and dry parts of MAS plants exposed for commercialization was carried out. The data collected were tabulated and analyzed graphically to facilitate comparison and visualization of the results. The results show that 10 were the places in which farmers markets were held in Chapecó - SC, totaling 16 moments of trades, distributed among the days of the week, being 2 on Tuesday (Calçadão in the morning and Bairro Presidente Médici in the afternoon), 4 on Wednesday (Centro, Parque das Palmeiras and Bairro São Cristóvão in the morning and Efapi in the afternoon), 1 on Friday (in the afternoon at Loteamento Expoente) and 9 on Saturday (all in the morning, not having one only at Loteamento Expoente). The open-air markets offer species of MAS plants both in the form of seedlings and dry parts. However, in general, the largest number is of dry parts, on average, 72%. The time of data collection influenced the availability of some species of MAS, however most species were not influenced by the date of evaluation. The most frequent species found in open-air markets were: *Ruta graveolens* L., *Chamomilla recutita* L., *Rosmarinus officinalis* L., *Aloysia triphylla* Royle, *Mentha pulegium* L., *Plecthantus barbathus* Andrews., *Citrus bergamia* Risso & Poiteau., *Mikania glomerata* Spreng, *Lavandula angustifolia* Mill., *Mentha piperita* L., *Artemisia absinthium* L., *Salvia officinalis* L., *Ocimum selloi* Benth., *Origanum majorana* L., *Achyrocline satureoides* (Lam.) DC., *Malva sylvestris* L., being found in both seedlings and dry parts.

Keywords: Bioactive plants. Family farming. Commercialization.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Tabela 1- Locais, horários e dias em que ocorrem as feiras livres em Chapecó, 2016.	19
Tabela 2 - Espécies, locais e formas de comercialização por período da pesquisa das plantas MAC nas feiras livres de Chapecó-SC, 2016.	24
Figura 1 - Número de horários para cada dia de feira livre no município de Chapecó – SC, 2016.	20
Figura 2 - Mapa do município de Chapecó-SC e localização das feiras livres, 2016. Expoente (1), Calçadão (2), Centro (3), Efapi (4), Presidente Médici (5), São Cristóvão (6), Bela Vista (7), Cristo Rei (8), Santo Antônio (9), Parque das Palmeiras (10).....	21
Figura 3 - Quantidade de espécies medicinais, aromáticas e condimentares e suas formas de comercialização, mudas ou partes secas, nos dois momentos de avaliação, primeiro (A), mês julho, segundo (B), mês setembro, nas feiras livres de Chapecó – SC, 2016.	22

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
1.1	JUSTIFICATIVA	10
1.2	OBJETIVOS	11
1.2.1	Objetivo Geral	11
1.2.2	Objetivos Específicos	11
2	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	11
2.1	Plantas bioativas	11
2.2	Hortas urbanas	13
2.2.1	Agricultura familiar	14
2.2.2	Chapecó.....	15
2.3	Feiras livres.....	16
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	18
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	18
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
	APÊNDICE	36

1 INTRODUÇÃO

Desde os tempos remotos o homem busca na natureza recursos e espécies vegetais para sua sobrevivência, alimentação, cura de enfermidades, ritos religiosos e também para o manejo dos agroecossistemas. Neste contexto e assumindo o propósito do presente trabalho, cabe caracterizar as plantas medicinais, aromáticas e condimentares (MAC), como sendo as plantas medicinais aquelas que possuem uma ou mais partes com finalidade terapêutica, as aromáticas como as que conferem aroma marcante e agradável e por fim as condimentares como as que são utilizadas como tempero em alimentos. Dando continuidade ao tema destacam-se também as drogas vegetais, que por sua vez são todas as plantas ou partes destas com fins terapêuticos que passaram pelo processo de coleta e secagem podendo ser íntegras, fracionadas, trituradas.

Na atualidade, a utilização das MACs tem sido foco de discussões e seus usos têm ganhado espaço e legitimação, isto porque, verifica-se uma tendência crescente da aceitação destas espécies, por parte dos consumidores, tanto para o uso culinário, como medicinal e aromático, mas também pela comprovação científica dos benefícios destas em seus diferentes usos. Bem como pela implantação de políticas públicas de incentivo ao uso das espécies medicinais no Sistema Único de Saúde (SUS), a partir do Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, que tem por objetivo inserir com segurança, eficácia e qualidade plantas com fins terapêuticos nos serviços relacionados ao SUS.

Neste sentido, cabe ainda salientar que em muitos países, como também no Brasil, as hortas urbanas têm sido amplamente debatidas e introduzidas no contexto urbano. Por sua vez, as hortas urbanas, possibilitam, além dos serviços gerados como espaços verdes, produção de alimentos e podem suprir necessidades básicas como o cultivo de plantas MAC, mas também permitir o contato com a terra e a natureza. Para muitos as hortas urbanas além de ser um espaço de cultivo, apresentam fins terapêuticos e contribuem na melhoria da condição mental e física dos envolvidos.

Diante do exposto, acredita-se que a agricultura familiar possa ser inserida neste contexto, por ser uma categoria com potencial para cultivar e utilizar as MACs de forma sustentável. Fato que pode contribuir para o desenvolvimento local por serem alternativas produtivas para a diversificação da matriz produtiva das unidades familiares ao fornecerem mudas das espécies e também parte secas aos consumidores, e desta forma contribuir com a geração de renda nas propriedades, melhorando a qualidade de vida das famílias. Ainda destacando a possibilidade de utilização destas espécies para a alimentação, manejo dos agroecossistemas e para o tratamento complementar da saúde da família.

A partir do contextualizado, inserem-se as feiras livres como espaços para a promoção da sustentabilidade e também para a comercialização direta, caracterizando-se ainda como importante espaço de aproximação e troca de saberes entre o consumidor final e o agricultor, contribuindo, por conseguinte para o desenvolvimento econômico, cultural, ambiental e social. Nas feiras livres as MACs podem ser comercializadas nas mais variadas formas, como ramos verdes, raízes, cascas, partes secas e também por mudas. Assim, diante da importância que as MACs e suas partes secas apresentam, buscou-se avaliar a disponibilidade de mudas e partes secas de plantas medicinais, aromáticas, condimentares, em duas datas de avaliação, ofertadas aos consumidores nas feiras livres do município de Chapecó-SC.

1.1 JUSTIFICATIVA

As plantas MAC inserem-se potencialmente no contexto da agricultura familiar como novas formas de produção, sendo alternativa de renda ao produzir mudas de espécies e também partes secas aos consumidores. Bem como por apresentar potencial de usos, seja na forma medicinal, aromática, em sistemas agrícolas, além da sua crescente exploração na culinária. Contextos estes legitimados e estimulados, entre outros motivos, pela implantação de políticas públicas de incentivo ao uso das espécies medicinais como as do Sistema Único de Saúde (SUS) e também pelas discussões que envolvem a implantação das hortas urbanas que possibilitam o cultivo das espécies MAC, contribuindo para a qualidade dos preparos culinários bem como no uso medicinal destas espécies, melhorando a qualidade de vida dos envolvidos. Portanto essas espécies têm grande potencial nos diversos campos de estudo, ganhando destaque quanto ao desenvolvimento econômico local e como alternativas para o tratamento de enfermidades de forma sustentável.

Desta forma cabe salientar a importância de pesquisas com as espécies MAC, bem como as que envolvem as feiras livres do município de Chapecó-SC, pois poucos são os trabalhos de pesquisa que envolvem esta temática. Neste sentido, buscou-se, através da presente pesquisa, identificar o funcionamento das feiras livres quanto a localização e horários, mas também a existência de espécies MAC e as formas de comercialização destas espécies, nas feiras livres do município de Chapecó. Salientando-se ainda a relevância do presente trabalho para a própria academia, pois abre novos espaços de discussão a respeito desta temática, fato que pode promover e tomar a atenção dos acadêmicos da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Chapecó, em especial ao Curso de Agronomia, pois o mesmo possui enfoque agroecológico.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Avaliar a disponibilidade de mudas e partes secas de plantas medicinais, aromáticas, condimentares, ofertadas aos consumidores nas feiras livres do município de Chapecó-SC.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Identificar as feiras livres de Chapecó, quanto a sua localização, datas e horários em que ocorrem;
- Determinar a disponibilidade de espécies vegetais nas feiras livres em função da sazonalidade de oferta;
- Avaliar a diversidade de mudas de plantas medicinais, aromáticas e condimentares comercializadas nas feiras livres;
- Avaliar a diversidade de partes secas vegetais comercializadas nas feiras livres.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 Plantas bioativas

Desde a antiguidade o homem utiliza os recursos da natureza para proporcionar o seu bem estar e aumentar sua qualidade de vida. Em virtude desta atividade, as plantas estão incluídas as culturas de várias civilizações, servindo para inúmeros fins, como fonte de alimento, manejo de pragas e doenças e para o tratamento e cura de enfermidades (LUNA, 2006).

Através dos tempos, o conhecimento sobre as plantas tem acompanhado a evolução da humanidade, sendo identificadas plantas comestíveis, tóxicas, entre outras. Estes saberes foram sendo inicialmente, transmitidos oralmente às futuras gerações, para somente depois, com o aparecimento da escrita, serem registrados e guardados (FERRO, 2008). Por meio das plantas o homem desenvolveu estratégias de sobrevivência, utilizando-as em forma de alimento e medicamento. Assim, teve início, de forma primitiva, o processo de prevenção e cura de doenças, por tentativas, erros e acertos, sendo desenvolvidas formas de extrair sucos, secar folhas e raízes e triturar sementes (PEREIRA; BERTONI, 2008).

Em termos acadêmicos científicos, popularmente as plantas tem sido, chamadas de plantas bioativas. Esta expressão foi criada para denominar todas as plantas que tem algum tipo de ação sobre outros seres vivos e que este efeito pode apresentar-se, tanto pela sua presença em um ambiente, quanto pelo uso direto de substâncias delas extraídas

(SCHIEDECK, 2016a), podendo ser inseridas neste contexto as plantas medicinais, aromáticas, condimentares, tóxicas, inseticidas, fungicidas e aquelas que possuem caráter místico e religioso.

A partir deste contexto, é importante que os agricultores conheçam e utilizem várias espécies de plantas bioativas, seja através da ingestão de um chá de marcela depois de uma refeição ou no preparo de uma calda de fumo, para controle de pragas na lavoura. Apesar das plantas bioativas serem lembradas mais frequentemente pelas propriedades medicinais, estas tem ganhado espaço na aplicação na agricultura e em estudos científicos. Como exemplo podemos citar o Nim (*Azadirachta indica*) que tem se destacado na agricultura agroecológica, do qual seus efeitos de controle sobre mais de 500 espécies de insetos, fungos e nematóides. O resultado deste controle foi tão positivo que, atualmente, o óleo de Nim é encontrado tanto em estabelecimentos agrícolas especializadas em vendas de produtos ecológicos quanto em casas agropecuárias convencionais (SCHIEDECK, 2016b).

Desta forma, a utilização dos recursos que a natureza oferece para o combate de pragas e doenças na agricultura não é uma técnica recente, sendo a sua utilização muito comum antes mesmo do surgimento dos produtos sintéticos. Com a chegada dos compostos sintéticos, os produtos de origem vegetal praticamente deixaram de ser usados e com isto muitos dos saberes foram esquecidos. No entanto, nos últimos anos, com o aparecimento de problemas relacionados ao uso de produtos sintéticos, como exemplo dos agrotóxicos, à pesquisa tem novamente voltado seus estudos para os produtos naturais, para atender a demanda da agricultura orgânica (LUNA, 2006), e dos consumidores que buscam produtos mais saudáveis.

Diante desse contexto, a aplicação de plantas bioativas como método tecnológico para a produção sustentável na agricultura familiar é uma possibilidade real e que deve ser discutida por agricultores, pesquisadores e extensionistas. Entre as diversas formas de uso das plantas bioativas, o cultivo em consórcio com as espécies de interesse comercial também passa a ser uma alternativa de utilização destas espécies. A ação destas plantas pode ser pensada com o objetivo de repelir ou atrair, de inibir a germinação de sementes de plantas espontâneas por efeito alelopático ou de atuar sobre nematóides do solo. A obtenção de extratos vegetais é outra forma de utilização das plantas bioativas nos agroecossistemas familiares, essa obtenção se dá por meio de tecnologias de custo reduzido e sistemas de baixa complexidade, para a elaboração de resultados com ação de controle sob fungos, bactérias e insetos (SCHIEDECK, 2016a).

Além da utilização das plantas bioativas para defesa dos cultivos agrícolas, o próprio cultivo de plantas medicinais é outro campo que está ganhando espaço para a complementação da renda de muitos agricultores familiares. Neste sentido, o destaque é para a implantação de políticas públicas de incentivo ao uso das espécies medicinais no Sistema Único de Saúde (SUS), a partir do Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, que tem por objetivo inserir com segurança, eficácia e qualidade plantas com fins terapêuticos nos serviços relacionados ao SUS (SCHIEDECK, 2016a).

Ainda neste contexto, em fevereiro de 2009 foi publicada a Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao SUS (RENISUS) pelo Departamento de Assistência Farmacêutica da Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos do Ministério da Saúde (DAF/SCTIE/MS), com setenta e uma espécies. Esta diretriz irá nortear ações para escolha de espécies da Relação Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (RENAFITO), com capacidade de avançar no desenvolvimento da produção de fitoterápicos para o SUS. O mercado interno e externo de fitoterápicos vem crescendo anualmente, demonstrando a necessidade de organização do setor produtivo, principalmente da agricultura familiar, que tem grande potencial para ser inserida neste contexto e ainda poderá criar novas formas de geração de renda dentro da unidade produtiva (SILVA; MORAES, 2008).

É de fundamental importância conhecer e utilizar plantas com fins terapêuticos no cuidado com a saúde humana, prática esta que vem sendo incentivada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), que sugere políticas públicas para a aplicação da medicina complementar nos serviços de saúde. A constituição brasileira observa esta tendência ao estabelecer diretrizes sobre a integralidade da atenção no Sistema Único de Saúde (SUS). Portanto, recomenda na atenção com as pessoas o uso de terapias complementares, especialmente na atenção básica de saúde (HECK et al., 2007).

2.2 Hortas urbanas

O surgimento das primeiras hortas urbanas de caráter social se deu a partir do início do século XVIII, onde uma grande parte da população rural migrou para as cidades e deparando-se com o desemprego e baixa renda para suprir as necessidades básicas, partiram para uma nova alternativa de cultivo a partir de pequenos espaços. A partir do resultado positivo desta implementação, que as hortas rapidamente se disseminaram por todo o cenário urbano, sendo estimuladas pelos próprios cidadãos (MATOS, 2010).

O cultivo de hortaliças nas áreas urbanas teve seu início a partir de 1980 na América Latina, África e Ásia como uma alternativa de sobrevivência das populações mais afetadas

pela pobreza que se instalava naquele país. No Brasil, as hortas urbanas passaram a se destacar aproximadamente nessa mesma época com apoio dos governos municipais e instituições locais, desta forma, o cultivo doméstico de hortaliças em hortas urbanas passou a ser uma alternativa de combate a pobreza e uma forma de melhorar as condições alimentares das famílias no Brasil desde o final do século passado (BRANCO; ALCÂNTARA, 2011).

A implementação de hortas no meio urbano destina-se ao cultivo de uma grande diversidade de culturas, mas com especial destaque para a horticultura, esta que por sua vez, corresponde ao cultivo de uma variedade de vegetais, ervas aromáticas, plantas medicinais e ornamentais, árvores de fruto e cogumelos, entre outras (GONÇALVES, 2013). Assim, segundo Gonçalves (2013), as hortas urbanas, nos países em desenvolvimento apresentam-se como um meio de suprir as necessidades econômicas e nos países mais desenvolvidos como uma alternativa para atender as necessidades de recreação.

Assim, consolida-se a importância das hortas urbanas para a segurança alimentar das famílias, uma vez que é inserida como forma de suprir necessidades imediatas de alimentação e também de cuidados básicos com a saúde. Mas também se põem com o propósito de constituir uma paisagem humanizada, com sentimento de tranquilidade, sendo um espaço compartilhado pela família e hoje representam espaços urbanos produtivos em crescimento (MATOS, 2010).

Ainda, salientam-se outras significativas contribuições das hortas urbanas, ao ponto que estas têm o potencial de criar uma relação entre as pessoas que vivem nas cidades e a natureza. Também os relacionados ao aspecto social, como espaços para recreação, exercício, terapia e educação, entre outros. Bem como as contribuições relacionadas ao aspecto econômico, estes que tem a redução dos custos familiares, devido à produção de bens alimentares para o grupo familiar, e a venda do excedente em mercados locais, assim, contribuindo para a renda (CASTRO, 2012).

A prática agrícola no meio urbano configura-se como um espaço para melhorar as condições de vida das pessoas e permite garantir a preservação dos conhecimentos tradicionais, além da possibilidade de contribuir para o fortalecimento da organização comunitária, garantir a qualidade ambiental, enriquecer a cultura e a sabedoria popular sobre espécies vegetais e métodos de cultivo (ARRUDA, 2011).

2.2.1 Agricultura familiar

A agricultura familiar, na atualidade, encontra-se cada vez mais solidificada e demonstra sua importância enquanto categoria social. A partir deste contexto podemos

destacar que a agricultura familiar é aquela em que a administração da propriedade e a maior parte do trabalho vêm de indivíduos que mantêm entre si união de sangue ou de casamento, esta afirmação é perceptível nos diferentes espaços sociais (ABRAMOVAY, 1998).

De acordo com a Conab (2016), a agricultura familiar oportuniza mais de 80% da ocupação no meio rural e corresponde, no Brasil, por 7 de cada 10 empregos no campo e por aproximadamente 40% da produção agrícola. Nos dias atuais, a maioria dos alimentos que chegam até a mesa dos brasileiros é proveniente das pequenas propriedades. A agricultura familiar proporciona a aplicação de experiências produtivas mais equilibradas, como o aumento e a diversificação de cultivos, o menor uso de agroquímicos e a preservação dos recursos genéticos.

Neste contexto, a produção de plantas medicinais insere-se como uma alternativa econômica de interesse para os agricultores familiares. A partir destes cultivos, princípios ativos são extraídos para a fabricação de medicamentos utilizados para o tratamento e cura de doenças. Uma vez mantida sua produção, surge grande potencial de mercado, seja para uso artesanal, industrial ou para comercialização no mercado interno ou externo, sendo que alguns trabalhos revelam a adoção de programas de incentivo ao cultivo de plantas medicinais como alternativas de diversificação de produção e de renda complementar nas pequenas propriedades rurais (MAZZA et al., 1998). Trata-se, portanto, de mais uma alternativa na geração de emprego e renda para este segmento tão importante e representativo do país (LOURENZANI; LOURENZANI; BATALHA, 2004).

2.2.2 Chapecó

O município de Chapecó, localiza-se no Oeste do Estado de Santa Catarina, estando a uma altitude de 674 metros acima do nível do mar, a latitude $-27^{\circ}05'40''$ e longitude $52^{\circ}3'06''$. O município possui área territorial total de 624,3 km², sendo 113,24 km² de perímetro urbano e 512,36 km² de perímetro rural e em 2014 a população somava um total de 202.760 habitantes, sendo 93% urbana e 7% rural. O município de Chapecó é reconhecido por ser exportador de alimentos industrializados de origem animal devido ao número de agroindústrias instaladas no município, ocupando lugar de destaque na economia catarinense. Sendo reconhecido também como a Capital Latino-Americana de Produção de Aves e Centro Brasileiro de Pesquisas Agropecuárias (CHAPECÓ, 2015).

Cabe destacar que Chapecó teve um crescimento populacional de 26,11% entre 1996 a 2004 e no PIB, o qual teve um aumento de 264,46% no mesmo período (FERRARI, 2011). Ainda para o autor, de acordo com o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), o município de Chapecó conta com 2.185 empresas no segmento comercial, 1.753 no setor de serviços,

além de 529 indústrias, 234 empresas responsáveis pela construção civil e 190 no setor agropecuário. Esses setores empregam 43.589 pessoas, sendo que o setor que mais emprega é o dos serviços com 14.737 empregados, seguido pela indústria com 13.798 empregados e o comércio com 12.068 vagas. Pode-se dizer que estes setores têm participação decisiva no crescimento econômico e social do município de Chapecó através da oferta de emprego e renda (FERRARI, 2011).

Quanto ao setor primário, no que tange a produção agropecuária, o município de Chapecó possui características semelhantes ao restante da região. A estrutura fundiária do município é constituída essencialmente por agricultores familiares com pequenas propriedades. Do total de 1.837 estabelecimentos rurais, 92% são pequenas propriedades onde a organização produtiva segue as características da agricultura familiar da região, com a predominância de solos declivosos e pedregosos e o desenvolvimento de uma agricultura diversificada, cultivando os mais variados produtos para a sua subsistência e comercialização, contudo muitos agricultores familiares, em função da pequena escala de produção, são excluídos das integrações e das grandes cooperativas (FERRARI, 2011).

Dentro deste contexto de abordagem, considera-se necessária a busca de alternativas para que os pequenos agricultores familiares possam tornar suas atividades viáveis economicamente, visando a reprodução social e econômica da propriedade, fato que pode ser tangível a partir da possibilidade de comercializar seus produtos junto às feiras livres.

2.3 Feiras livres

As feiras livres, no decorrer dos anos, vêm cada vez mais se fortalecendo e se destacando como importantes ferramentas de abastecimento de alimentos nas cidades, especialmente as interioranas (COUTINHO et al., 2006).

Consideradas como um espaço que estimula o desenvolvimento econômico, social e cultural, as feiras livres, oportunizam o escoamento da produção familiar, comercializando alimentos com preços acessíveis, valorizando o trabalho artesanal, proporcionando a inclusão social e preservando hábitos culturais (COUTINHO et al., 2006).

Em Chapecó, as feiras de produtos coloniais e agroecológicos já são consideradas tradicionais, pois datam de 1990. Na época eram compostas por um pequeno grupo de agricultores que vendiam seus produtos em um pequeno espaço no centro da cidade, especialmente produtos da época e peixes, na semana da Páscoa (FERRARI, 2011). Neste sentido, com apenas oito feirantes, iniciaram e se formalizaram no município de Chapecó em 1998, através de uma parceria entre a Secretaria Municipal da Agricultura e Abastecimento,

entidades de produtores rurais e associações comunitárias, a partir de um programa de feiras agroecológicas, espaços apropriados para que os produtores familiares pudessem vender seu produto direto ao consumidor (CÂMARA et al., 2004). Neste espaço os consumidores teriam a garantia de acesso a um alimento saudável e mais barato e aos agricultores possibilitaria a valorização da agricultura familiar como meio de promover o desenvolvimento nas áreas rurais do município (CÂMARA et al., 2004).

As feiras de produtos coloniais e agroecológicos, em Chapecó, foram integradas a uma política pública na área de abastecimento e comercialização voltada para a geração de trabalho e renda para os agricultores familiares, sendo esta articulada a outros programas, como o desenvolvimento da fruticultura, melhoramento da produção animal, produção de sementes, açudagem, desenvolvimento das agroindústrias de pequeno porte, saneamento e abastecimento de água e do melhoramento e conservação do solo (MARTINEZ, 2003). Os recursos da prefeitura municipal de Chapecó garantem a compra de material para construção e manutenção dos pontos de feira, alugueis de locais e materiais de divulgação. E os agricultores colaboram em mutirão com a mão de obra para a construção e reformas, quando necessárias, e com os gastos com água, luz e outras despesas cotidianas (FERRARI, 2011).

Assim, ainda em 1999 surgiu a demanda para abertura de pontos de feira nos bairros, já em 2000 o município contava com sete pontos de feiras livres beneficiando direta e indiretamente cerca de 250 famílias de agricultores (CÂMARA et al., 2004). Existem dez espaços com feiras livres de produtos coloniais e agroecológicos na cidade, sendo os principais produtos comercializados as hortaliças, frutas, cereais, grãos, leite e derivados, ovos, mel, carne e derivados, ervas medicinais, artesanato, flores, plantas ornamentais, pães e derivados de farinha de trigo e milho, peixes e diversos produtos de pequenos cultivos locais (FERRARI, 2011). Com destaque para a participação dos agricultores feirantes, compoendo cerca de 150 famílias diretamente ligadas a venda e mais 200 famílias indiretamente, pertencentes a 19 comunidades rurais do município de Chapecó. O número de consumidores fica ao redor de sete mil por semana (FERRARI, 2011).

De acordo com informações da Secretaria da Agricultura Municipal, no último ano, os dez pontos de feiras comercializaram, uma média mensal de cinco toneladas de pães,ucas, biscoitos e massas; 100 toneladas de frutas e hortaliças; 12 toneladas de carnes e derivados; 12 toneladas de queijos; 300 quilos de mel, além de outros produtos. Por sua vez, o volume de vendas se aproxima de 200 mil reais mensais (FERRARI, 2011).

Assim, é possível compreender a importância das feiras livres para o município de Chapecó, ao possibilitar um espaço de comercialização direta do produtor com o

consumidor, além de contribuir para o reconhecimento do agricultor familiar enquanto categoria social e ser um espaço de troca de saberes entre produtores e consumidores. Fato que contribui para a qualidade de vida dos agricultores, sua reprodução econômica, social, cultural e também familiar, ofertando produtos de qualidade ao consumidor e com isto proporcionando o desenvolvimento local do município.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa é caracterizada como estudo de caso, através da utilização de instrumentos de pesquisa quanti-qualitativo de coleta de dados e também de revisão bibliográfica. Sendo coletadas informações sobre a localização das feiras livres e dias em que ocorrem no município de Chapecó, para posterior visita a estes locais.

Com o intuito de identificar as espécies vegetais comercializadas junto às feiras livres de Chapecó, primou-se pela realização da coleta de dados em dois momentos: o primeiro, realizado na primeira quinzena do mês de julho de 2016 e o segundo, na primeira quinzena do mês de setembro de 2016. A coleta dos dados foi realizada a partir de visitas em diferentes dias da semana e horários em que ocorrem as feiras no município de Chapecó-SC. A partir dos dados coletados foram elaboradas tabelas e figuras para melhor visualização dos resultados. Salienta-se ainda, que a pesquisa foi realizada através de observações visuais da disponibilidade de mudas e partes secas das espécies medicinais, aromáticas e condimentares ofertadas nas bancas da feira livre. Utilizaram-se, para apoio a identificação das espécies, livros da área de identificação de plantas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir de informações obtidas, através de revisão bibliográfica e a acervos documentais da Prefeitura Municipal de Chapecó, identificou-se dez locais de feiras livres no meio urbano do município, os quais compõem dezesseis diferentes horários de realização, ou seja, alguns locais apresentam mais que uma data de feira por semana (Tabela 1). A diversidade no número de datas de feiras livres identificados no município de Chapecó proporciona ao consumidor, frequentador das feiras livres, maior comodidade e flexibilidade para optar por horários e locais que lhes são mais convenientes, fato que pode possibilitar a ampliação dos consumidores, uma vez que estes dispõem de maior oferta de feiras no espaço temporal e geográfico.

As feiras livres ocorrem de terça a sábado (Tabela 1), sendo observado que na terça são oferecidos dois horários de feira, sendo eles: Calçadão na parte da manhã e Bairro Presidente Médici à tarde. Já na quarta são oferecidas quatro opções de feira, assim composto: Centro,

Parque das Palmeiras e Bairro São Cristóvão pela parte da manhã e Bairro Efapi na parte da tarde. Na sexta é oferecido apenas um horário na parte da tarde na feira que ocorre no Loteamento Expoente, neste local o horário de funcionamento inicia a partir das 17:00 horas, fato de relevância, pois possibilita aos consumidores um horário diferenciado para realizar suas compras na feira. Com relação ao sábado, dia em que mais ocorrem feiras livres no município, foram identificados na parte da manhã, nove diferentes locais de feira, ou seja, apenas o Loteamento Expoente não realiza feira no sábado.

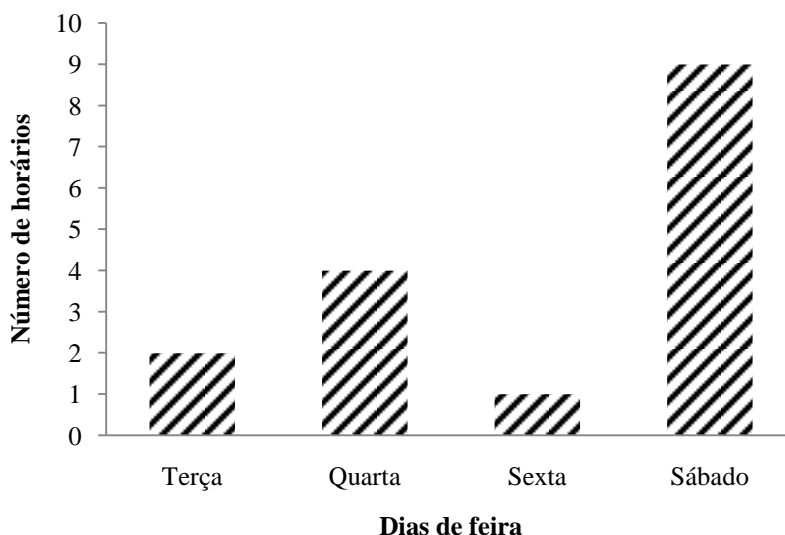
Tabela 1- Locais, horários e dias em que ocorrem as feiras livres em Chapecó, 2016.

Feira/Localização	Terça	Quarta	Sexta	Sábado
Calçadão Esquina Fernando Machado com Benjamin Constant	07:30 - 13:30	-----	-----	07:00 - 12:00
Centro Esquina Clevelândia com Rui Barbosa	-----	07:00 - 12:00	-----	07:00 - 12:00
Presidente Médici Anexo praça	15:00 - 19:00	-----	-----	07:00 - 12:00
Parque das Palmeiras Anexo ao posto de saúde	-----	07:00 - 12:00	-----	07:00 - 12:00
Efapi Rua Beija Flor - em frente mercado Alberti	-----	15:00 - 18:00	-----	07:00 - 12:00
São Cristóvão Esquina Presidente Castelo Branco com Regente Diogo a Feijó	-----	08:00 - 10:00	-----	07:00 - 12:00
Loteamento Expoente Entrada do residencial no Seminário	-----	-----	17:00 - 19:30	-----
Bela Vista Anexo Praça Aloísio de Azevedo, Esquina da Rua Brusque com Delfim Moreira	-----	-----	-----	07:00 - 9:30
Cristo Rei Esquina Rua Pomerode com Faxinal dos Guedes	-----	-----	-----	07:00 - 10:00
Santo Antônio Anexo ao campo de futebol Esquina Rua Rio Grande do Norte com Caetano Roberto Panaroto	-----	-----	-----	06:30 - 10:30

Fonte: Elaborada pela autora.

No que tange aos dias da semana em que ocorrem as feiras livres no município de Chapecó, pode-se verificar pela figura 1, que as feiras são realizadas na terça, quarta, sexta e aos sábados, sendo ofertados, respectivamente dois, quatro, um e nove diferentes horários.

Figura 1 - Número de horários para cada dia de feira livre no município de Chapecó – SC, 2016.



Fonte: Elaborada pela autora.

A partir da localização das feiras livres no município de Chapecó-SC, observou-se que dois locais de feira, Calçadão e Centro, estão localizados na região central da cidade e os demais distribuídos nos bairros do município, sendo eles: Efapi, São Cristóvão, Bela Vista, Cristo Rei, Santo Antônio, Expoente, Parque das Palmeiras e Presidente Médici, conforme figura 2. Após a determinação da localização e datas de ocorrência das feiras livres, avaliou-se a disponibilidade de plantas medicinais, aromáticas e condimentares e a forma de comercialização, plantas secas ou mudas disponíveis para comercialização nos diferentes locais e datas.

Figura 2 - Mapa do município de Chapecó-SC e localização das feiras livres, 2016. Expoente (1), Calçadão (2), Centro (3), Efapi (4), Presidente Médici (5), São Cristóvão (6), Bela Vista (7), Cristo Rei (8), Santo Antônio (9), Parque das Palmeiras (10).



Fonte: Google Maps

Com relação ao levantamento realizado sobre a disponibilidade para comercialização de espécies MAC, tanto na forma de partes secas quanto de mudas, verificou-se para o primeiro momento de avaliação, que dos dez locais de feira livre, em apenas cinco destes existia alguma espécie ofertada ao consumidor, sendo eles: Centro, Calçadão, Efapi, Presidente Médici e São Cristóvão (Figura 3).

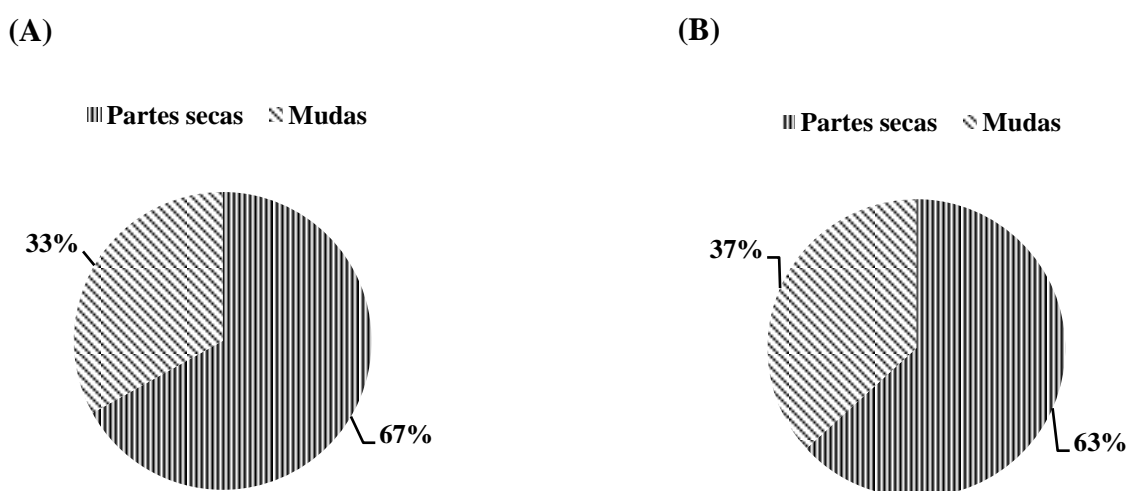
Dos cinco locais de feira que dispõem de espécies MAC (Figura 3), foram identificadas, 27 espécies de mudas e 75 espécies na forma de plantas secas, representando, respectivamente 26% e 74% do total das espécies comercializadas nestes espaços, salientando que em alguns casos as espécies se repetem, pois algumas espécies estão ofertadas ao consumidor tanto na forma de mudas quanto de planta seca.

Conforme se pode observar na figura 3, para o segundo momento da pesquisa, a qual ocorreu na primeira quinzena do mês de setembro de 2016, houve redução na oferta de espécies MAC na forma de partes secas e um aumento na oferta de mudas. Tendo sido encontradas 32 espécies de mudas, correspondendo a 37% do total de espécies e 55 espécies

na forma de planta seca, correspondendo à 63% do total de espécies, conforme salientado anteriormente, algumas espécies se repetem na forma de muda e plantas secas. Assume-se que a diferença na oferta de espécies MAC aos consumidores, entre o primeiro e o segundo momento de avaliação possa estar associado à sazonalidade de oferta das espécies, bem como a procura ou preferência do consumidor e ainda ao período em que foi realizada a avaliação, em virtude da ausência das MAC por fatores ambientais. Conforme também destacado por Lourenzani (2004), algumas das diferentes espécies de plantas medicinais possuem época específica durante o ano para produção e consumo.

Guisleni (2012), avaliando as feiras livres no Rio Grande do Sul, identificou que em média os agricultores destinam de 0,5 a 2,5ha para o cultivo de plantas MAC, não sendo esta a principal atividade e representando aproximadamente, apenas 3,6% na renda familiar desses agricultores. Fato que pode ser relacionado à baixa disponibilidade de locais que dispõem das MACs em relação ao número de feiras livres no município de Chapecó – SC.

Figura 3 - Quantidade de espécies medicinais, aromáticas e condimentares e suas formas de comercialização, mudas ou partes secas, nos dois momentos de avaliação, primeiro, mês julho (A), segundo, mês setembro (B), nas feiras livres de Chapecó – SC, 2016.



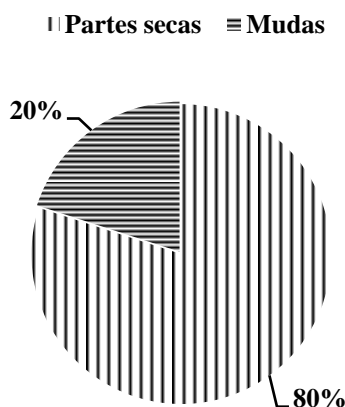
Fonte: Elaborada pela autora.

Somando-se os dois momentos da pesquisa foram encontradas nas feiras livres 38 espécies de mudas o que corresponde a 33% do total e 77 espécies de partes secas o que equivale a 67% do total das espécies MAC que estavam a disposição do consumidor no momento da pesquisa. Pode-se atribuir estes valores devido à praticidade que as MAC na forma de partes secas apresenta, pois não são todas as pessoas que dispõem de espaço e tempo para cultivar estas espécies mesmo sendo em pequenos ambientes. Sendo que na forma de planta seca o consumidor pode armazená-las, em locais adequados, por períodos

relativamente longos sem que percam suas propriedades medicinais, aromáticas ou condimentares.

Observando os dois momentos da pesquisa percebemos que houve redução na oferta de plantas MACs e comparado o mês de julho (primeiro momento) em relação a setembro (segundo momento). De acordo com a figura 4 é possível constar a redução de cinco espécies de mudas e 20 espécies de partes secas, o que corresponde, respectivamente a uma redução de 20% e 80% no número de espécies MAC. Atribui-se esta redução, possivelmente, a fatores relacionados à preferência ou procura pelo consumidor, momento da pesquisa sendo que para aquele momento poderiam não estar à disposição para comercialização, bem como os associados à sazonalidade e também adversidades climáticas.

Figura 4 – Redução percentual na oferta de espécies MAC, comparando-se os dois momentos da avaliação da disponibilidade, Chapecó – SC, 2016.



Fonte: Elaborado pela autora.

Com relação a disponibilidade das espécies MAC, é possível verificar, a partir da tabela 2, que a grande maioria das espécies foi encontrada nos dois momentos da pesquisa, sendo ofertadas como parte secas ou mudas. Nos dois momentos da avaliação foram encontradas, no total, 77 espécies de partes secas de plantas MACs e 38 espécies de mudas, contudo considerando que várias das espécies se repetem na forma de comercialização, ao final, somam um total de 88 diferentes espécies MACs.

Entre as espécies MACs mais recorrentes estão: *Ruta graveolens* L., *Chamomilla recutita* L., *Rosmarinus officinalis* L., *Aloysia triphylla* Royle, *Mentha pulegium* L., *Plecthantus barbathus* Andrews., *Citrus bergamia* Risso & Poiteau., *Mikania glomerata* Spreng, *Lavandula angustifolia* Mill., *Mentha piperita* L., *Artemisia absinthium* L., *Salvia*

officinalis L., *Ocimum selloi* Benth., *Origanum majorana* L., *Achyrocline satureoides* (Lam.) DC., *Malva sylvestris* L., sendo encontradas tanto em mudas como partes secas.

A diversidade de espécies vegetais ofertadas aos consumidores das feiras livres de Chapecó demonstra que, conforme destacado por Almeida (2003), nas últimas décadas o uso e comercialização de plantas medicinais vem sendo incentivados, pela demanda da população através do uso na medicina homeopática, devido aos elevados preços dos medicamentos alopáticos e seus efeitos colaterais. Bem como, segundo Correa Junior (2013), devida a preocupação e a busca por produtos com ingredientes naturais obtidos de maneira sustentável. Fatos estes que estimulam e tomam cada vez mais o interesse dos agricultores em ofertar e diversificar a oferta de MACs aos consumidores.

Tabela 2 - Espécies, locais e formas de comercialização por período da pesquisa das plantas MAC nas feiras livres de Chapecó-SC, 2016.

Nome	Feira	Forma de comercialização	Mês
Arruda <i>Ruta graveolens</i> L.	Calçadão	Mudas	Setembro
	Centro	Mudas	Setembro
	Presidente Médici	Mudas	Setembro
	São Cristóvão	Mudas	Julho
Camomila <i>Chamomilla recutita</i> L.	Calçadão	Partes secas	Julho
	Centro	Partes secas	Julho e Setembro
	Presidente Médici	Partes secas	Julho
	Efapi	Partes secas	Setembro
Alecrim <i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Calçadão	Partes secas e mudas	Julho e setembro
	Centro	Mudas	Julho e setembro
	Efapi	Partes secas	Julho e setembro
	São Cristóvão	Mudas	Julho
Cavalinha <i>Equisetum arvense</i> L.	Calçadão	Partes secas e mudas	Julho e setembro
	Centro	Partes secas e mudas	Julho e setembro
Cipó mil homem <i>Aristolochia esperanzae</i> Kuntze	Centro	Partes secas e mudas	Julho e setembro
	Efapi	Partes secas e mudas	Setembro
Cipó-suma <i>Anchietea pyrifolia</i> (Mart.)	Centro	Partes secas	Julho e Setembro
	Efapi	Partes secas	Setembro

G. Don.			
	Calçadão	Partes secas	Julho e setembro
Cidró	Centro	Mudas	Setembro
<i>Aloysia triphylla</i> Royle	Efapi	Partes secas	Setembro
	São Cristóvão	Partes secas	Julho
	Calçadão	Partes secas	Julho
Poejo	Centro	Partes secas e mudas	Julho e setembro
<i>Mentha pulegium</i> L.	Presidente Médici	Mudas	Julho
	São Cristóvão	Mudas	Julho
Quebra pedra	Calçadão	Partes secas	Setembro
<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Centro	Partes secas	Julho e Setembro
	Calçadão	Partes secas	Julho e setembro
Boldo	Centro	Partes secas e mudas	Julho
<i>Plecthantus barbathus</i> Andrews.	Efapi	Partes secas	Julho e Setembro
Espinheira-santa	Calçadão	Partes secas e mudas	Julho e setembro
<i>Maytenus ilicifolia</i> (Schrad.) Planch.	Centro	Partes secas	Setembro
Funcho	Calçadão	Partes secas	Julho e Setembro
<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	Centro	Mudas	Setembro
Pata de vaca	Calçadão	Partes secas	Julho e Setembro
<i>Bauhinia forficata</i> L.	Centro	Partes secas	Julho e Setembro
	Centro	Partes secas	Julho
Raiz de bergamota	Efapi	Partes secas	Setembro
<i>Citrus bergamia</i> Risso & Poiteau	São Cristóvão	Partes secas	Julho
	Calçadão	Partes secas	Julho e Setembro
Guaco	Centro	Partes secas e mudas	Julho e Setembro
<i>Mikania glomerata</i> Spreng	Efapi	Partes secas	Setembro
	Calçadão	Partes secas e mudas	Julho
Osmarim	Centro	Mudas	Julho e Setembro
<i>Lavandula angustifolia</i> Mill.	São Cristóvão	Mudas	Julho
	Calçadão	Partes secas e mudas	Julho e setembro
Hortelã	Centro	Partes secas	Setembro
<i>Mentha suaveolens</i> L.	Presidente Médici	Mudas	Setembro
		Mudas	Julho

São Cristóvão			
Losna <i>Artemisia absinthium</i> L.	Calçadão	Partes secas e mudas	Julho e setembro
	Centro	Partes secas	Julho e setembro
	Presidente Médici	Mudas	Julho e setembro
	São Cristóvão	Mudas	Julho
Orégano <i>Origanum vulgare</i> L.	Calçadão	Partes secas e mudas	Julho e setembro
	Centro	Partes secas e mudas	Julho e setembro
	Presidente Médici	Mudas	Julho
	São Cristóvão	Mudas	Julho
Sálvia <i>Salvia officinalis</i> L.	Calçadão	Partes secas e mudas	Julho e setembro
	Centro	Mudas	Julho e setembro
	Efapi	Partes secas	Setembro
	São Cristóvão	Partes secas e mudas	Julho
	Presidente Médici	Mudas	Julho
Ora-pro-nobis <i>Pereskia aculeata</i> Mill.	Centro	Mudas	Julho
	Presidente Médici	Mudas	Julho
Salsaparilha <i>Smilax officinalis</i> Griseb	Calçadão	Mudas	Julho e Setembro
	Centro	Partes secas	Julho
Sene <i>Cassia senna</i> L.	Calçadão	Partes secas	Julho e Setembro
	Centro	Partes secas	Julho
Abacateiro <i>Persea americana</i> Miller.	Centro	Partes secas	Julho
Sabugueiro <i>Sambucus australis</i> Cham. & Schltl.	Centro	Partes secas	Julho e Setembro
Sassafraz <i>Ocotea odorifera</i> (Vell.) Rohwer	Centro	Partes secas	Julho
Pitanga <i>Eugenia uniflora</i> L.	Calçadão	Partes secas	Julho
Salsa <i>Petroselinum crispum</i> (Miller) Nyman & A.W.	Centro	Mudas	Julho e Setembro

Hill.			
Pau amargo <i>Picramnia parvifolia</i> Engl.	Centro	Partes secas	Julho
Chá de bugre <i>Cordia ecalyculata</i> Vell.	Calçadão	Partes secas	Julho e Setembro
	Centro	Partes secas	Julho
Alfavaca <i>Ocimum gratissimum</i> L.	Centro	Partes secas e mudas	Julho e Setembro
Chá verde <i>Cammelia sinensis</i> (L.) Kutntze	Efapi	Partes secas	Julho e Setembro
Chapéu-de-couro <i>Echinodorus macrophyllus</i> (Kunth) Micheli	Centro	Partes secas	Julho e Setembro
Citronela <i>Cymbopogon</i> sp.	Centro	Mudas	Setembro
Cordão-de-frade <i>Leonotis nepetaefolia</i> Schimp. ex Benth.	Centro	Partes secas	Julho
Endro <i>Anethum graveolens</i> L.	Calçadão	Partes secas	Julho
Erva-de-bicho <i>Polygonum hydropiperoides</i> Michx.	Centro	Partes secas	Julho e Setembro
Erva mate <i>Ilex paraguariensis</i> St.Hill	Centro	Partes secas	Julho
Falso-jaborandi <i>Piper aduncum</i> L.	Calçadão	Partes secas	Julho e Setembro
Jatobá <i>Hymenaea courbaril</i> L.	Centro	Partes secas	Julho
Noz pecã <i>Carya illinoensis</i> (Wang.) K.	Centro	Partes secas	Julho e Setembro
	Efapi	Partes secas	Setembro
	São Cristóvão	Partes secas	Julho
Jambolão <i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels	Centro	Partes secas	Setembro
	São Cristóvão	Partes secas	Julho
	Efapi	Partes secas	Setembro
Manjeriçã <i>Ocimum selloi</i> Benth.	Calçadão	Partes secas	Julho

	Centro	Mudas	Setembro
	São Cristóvão	Mudas	Julho
Sucupira <i>Pterodon emarginatus</i> Vogel	Centro	Partes secas	Julho e Setembro
	Efapi	Partes secas	Setembro
	São Cristóvão	Partes secas	Julho
Tanchagem <i>Plantago major</i> L.	Calçadão	Partes secas e mudas	Julho e Setembro
	Centro	Partes secas	Julho e Setembro
	Efapi	Partes secas	Setembro
Malva <i>Malva sylvestris</i> L.	Calçadão	Partes secas	Setembro
	Centro	Partes secas	Julho e Setembro
	Efapi	Partes secas	Julho e Setembro
Marcela <i>Achyrocline satureoides</i> (Lam.) DC.	Calçadão	Partes secas	Julho e Setembro
	Centro	Partes secas	Julho
	Efapi	Partes secas	Setembro
Manjerona <i>Origanum majorana</i> L.	Centro	Partes secas e mudas	Julho e Setembro
	Presidente Médici	Mudas	Julho
	São Cristóvão	Mudas	Julho
Erva-cidreira <i>Melissa officinalis</i> L.	Centro	Partes secas e mudas	Julho
	São Cristóvão	Mudas	Julho
Ipê roxo <i>Handroanthus avellanadae</i> (Lorentz ex Griseb) Mattos	Centro	Partes secas	Julho e Setembro
	Efapi	Partes secas	Setembro
Lavanda <i>Lavandula</i> sp.	Calçadão	Mudas	Setembro
	Centro	Mudas	Julho
Artemisia <i>Artemisia verlotorum</i> Lam.	Calçadão	Mudas	Setembro
	Centro	Partes secas	Julho
Dente-de-leão <i>Taraxacum officinale</i> Weber	Calçadão	Partes secas	Julho
	Centro	Partes secas	Julho
Carqueja <i>Baccharis trimera</i> (Less.) DC.	Calçadão	Partes secas	Setembro
	Centro	Partes secas	Julho
Chia <i>Salvia hispânica</i> L.	Centro	Partes secas	Julho
	São Cristóvão	Partes secas	Julho
Catinga-de-mulata <i>Aeollanthus suaveolens</i> G.	Calçadão	Mudas	Setembro
	Centro	Partes secas	Julho

Don.			
Estévia <i>Stevia rebaudiana</i> (Bertoni) Bertoni	Calçadão São Cristóvão	Partes secas e mudas Mudas	Julho e Setembro Julho
Gervão <i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl.	Calçadão Centro	Partes secas Partes secas	Julho e Setembro Julho e Setembro
Japacanga <i>Smilax brasiliensis</i> Spreng	Centro Efapi	Partes secas Partes secas	Julho Setembro
Jurubeba <i>Solanum paniculatum</i> L.	Calçadão Centro	Partes secas Partes secas	Setembro Julho
Tomilho <i>Thymus vulgaris</i> L.	Calçadão Centro	Partes secas e mudas Mudas	Julho e Setembro Setembro
Laranjinha do mato <i>Eugenia myrciantes</i> Nied.	Centro	Partes secas e mudas	Julho
Unha de gato <i>Uncaria tomentosa</i> (Willd. ex Schult.) DC.	Centro	Mudas	Setembro
Tarumã <i>Vitex montevidensis</i> Cham.	Calçadão	Partes secas	Julho
Abóbora-D'anta <i>Cayaponia podantha</i> Cogn.	Centro	Partes secas e mudas	Julho
Ginko biloba <i>Ginkgo biloba</i> L.	Centro	Partes secas	Julho
Amora preta <i>Morus nigra</i> L.	Calçadão	Partes secas	Julho e Setembro
Canela <i>Cinnamomum zeylanicum</i> J. Presl	Centro Efapi	Partes secas Partes secas	Setembro Setembro
Grapia <i>Apuleia leiocarpa</i> (Vogel)	Centro Efapi	Partes secas Partes secas	Setembro Setembro
Louro <i>Laurus nobilis</i> L.	Centro Calçadão	Partes secas Partes secas	Setembro Julho e Setembro
Menta <i>Mentha</i> L.	Centro São Cristóvão	Mudas Mudas	Setembro Julho
Mil ramos <i>Achillea millefolium</i> L.	Calçadão Centro	Partes secas Mudas	Julho Setembro

Mastruço <i>Lepidium virginicum</i> L.	Calçadão Centro	Partes secas Partes secas	Julho e Setembro Julho
Açoita cavalo <i>Luhea divaricata</i> Mart.	Centro	Partes secas e mudas	Julho e Setembro
Graviola <i>Annona muricata</i> L.	Centro	Partes secas	Julho
Angico <i>Parapiptadenia rígida</i> (Benth.)	Centro	Partes secas	Setembro
Casca de laranja <i>Citrus sinensis</i> L.	Calçadão	Partes secas	Julho
Carapiá <i>Dorstenia brasiliensis</i> Lam.	Centro	Partes secas	Julho e Setembro
Cidreira <i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf.	Efapi	Partes secas	Julho e Setembro
Calêndula <i>Calendula officinalis</i> L.	Calçadão	Partes secas	Setembro
Canfora <i>Artemisia alba</i> Turra	Calçadão	Mudas	Julho e Setembro
Camará <i>Lantana camara</i> L.	Calçadão	Partes secas	Setembro
Assa-peixe <i>Vernonia polysphaera</i> Less.	Centro	Partes secas	Julho
Babosa <i>Aloe vera</i> L.	Centro	Mudas	Setembro
Eucalipto <i>Eucalyptus globulus</i> Labill.	Calçadão	Partes secas	Julho e Setembro
Fisális <i>Physalis</i> sp.	Centro	Mudas	Setembro
Alcachofra <i>Cynara scolymus</i> L.	Calçadão Centro	Partes secas Partes secas	Julho Julho e setembro

Fonte: Elaborada pela autora a partir das informações de Grandi, (2014).

No que tange as espécies mais recorrentes encontradas, em relação aos locais de feiras livres de Chapecó-SC (tabela 2), foram identificadas: *Morus* sp. (amora branca), *Rosmarinus*

officinalis (alecrim), *Equisetum arvense* L. (cavalinha), *Aloysia triphylla* Royle (cidrô), *Maytenus ilicifolia* (Schrad.) Planch. (espinheira-santa), *Mentha* L. (hortelã) e *Laurus nobilis* L. (louro), ambas encontradas nos dois momentos da pesquisa na feira do Calçadão. Na feira do Centro foram encontradas: *Cynara scolymus* L. (alcachofra), *Chamomilla recutita* L. (camomila), *Equisetum arvense* L. (cavalinha), *Mentha* (hortelã) e *Bauhinia forficata* L. (pata de vaca), nos dois momentos da pesquisa. Já para a feira do Bairro Efapi somente o *Rosmarinus officinalis* (alecrim) foi encontrado em julho e setembro, sendo que as espécies: *Morus* sp. (amora branca), *Plecthantus barbatus* Andrews. (boldo), *Chamomilla recutita* L. (camomila), *Aloysia triphylla* Royle (cidrô), *Malva sylvestris* L. (malva), *Achyrocline satureoides* (Lam.) DC. (marcela) e *Salvia officinalis* L. (sálvia) encontradas somente no mês de setembro. Na feira do Bairro São Cristóvão foram encontradas *Aloysia triphylla* Royle (cidrô) e *Salvia officinalis* L. (sálvia) no mês de julho. Na feira do Bairro Presidente Médici foi encontrado apenas a *Chamomilla recutita* L. (camomila) no mês de julho, não tendo sido identificada nenhuma espécie no segundo momento de avaliação. Esse resultado pode ser atribuído quanto a preferência do consumidor por determinadas espécies vegetais bem como a sazonalidade de oferta das mesmas, sendo que existem plantas perenes e de ciclo anual podendo ser atribuído como um dos fatores que contabilizam a ausência das mesmas na feira livre para comercialização aos consumidores e frequentadores destes espaços.

Através das observações realizadas, foi possível constatar que as feiras do bairro Presidente Médici e São Cristóvão são menores, fato que pode ser atribuído como um dos motivos de não ter as espécies de MAC disponíveis continuamente aos consumidores. Já que se observa que nestes locais, em geral, os feirantes optam por ofertar outros produtos, tais como frutas, verduras, carnes, lácteos e panificados. Neste mesmo sentido, pode-se constatar que, de maneira geral, as feiras do Centro e Calçadão apresentam maior diversidade e oferta das espécies MAC, inclusive com a presença de bancas especializadas na comercialização apenas de partes vegetais, fato que conduz a maior diversidade de espécies.

A partir dos resultados, pode-se perceber que apesar de existir uma diversidade expressiva de espécies vegetais disponíveis para comercialização nas feiras livres de Chapecó, não são muitos os espaços (locais e datas) das feiras livres, em relação ao número total de locais e datas, que dispõem de plantas medicinais, aromáticas e condimentares (MAC), assumindo as características e dimensões do município. Fato que permite inferir que há possibilidade de avaliar, em trabalhos futuros, a possibilidade do crescimento deste segmento de comercialização nas feiras livres do município. Isto porque, assume-se que o aumento na utilização de plantas medicinais, devido as políticas e programas governamentais, mas também

ao novo perfil de consumo e demanda da população, passe a requisitar maiores volumes de plantas MAC e como isto gere oportunidades para novas alternativas de renda para a agricultura familiar. Para Reis (1996), as plantas medicinais podem ser vistas como fonte de renda para a agricultura familiar, mas também como importantes linhas de ação direcionadas ao desenvolvimento de técnicas de manejo sustentável visando à utilização destas espécies. Fato também destacado por Leite (2009), o qual menciona que a discussão atual sobre o desenvolvimento de fitoterápicos ultrapassa questões científicas, assumindo, também uma importância política e econômica, associada ao acesso ao medicamento, como também o aproveitamento sustentável dos recursos naturais e a geração de trabalho e renda.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram localizados 10 espaços de realização das feiras livres em Chapecó – SC, totalizando 16 momentos de feiras, distribuídos entre os dias da semana, sendo 2 na terça (Calçadão pela manhã e Bairro Presidente Médici à tarde), 4 na quarta (Centro, Parque das Palmeiras e Bairro São Cristóvão durante a manhã e Bairro Efapi à tarde), 1 na sexta, na parte da tarde na feira do Loteamento Expoente e 9 no sábado, todas pela manhã, não tendo feira apenas no Loteamento Expoente;

As feiras livres oferecem espécies de plantas medicinais, aromáticas e condimentares tanto na forma de mudas quanto de partes secas. Os momentos de coleta de dados influenciou na disponibilidade de algumas espécies de MACs, contudo de maneira geral a maioria das espécies não foi influenciada pela data de avaliação;

As espécies mais recorrentes encontradas nas feiras livres de Chapecó-SC, de maneira geral, foram: *Ruta graveolens* L., *Chamomilla recutita* L., *Rosmarinus officinalis* L., *Aloysia triphylla* Royle, *Mentha pulegium* L., *Plecthantus barbathus* Andrews., *Citrus bergamia* Risso & Poiteau., *Mikania glomerata* Spreng, *Lavandula angustifolia* Mill., *Mentha piperita* L., *Artemisia absinthium* L., *Salvia officinalis* L., *Ocimum selloi* Benth., *Origanum majorana* L., *Achyrocline satureoides* (Lam.) DC., *Malva sylvestris* L., sendo encontradas tanto em mudas como partes secas.

Cabe ainda considerar algumas limitações do trabalho, como a coleta de dados em duas datas, sendo relevante que seja realizado este levantamento ao longo do ano. Bem como algumas situações para trabalhos futuros, tais como identificar a origem das espécies MAC, o quanto contribuem para a composição da renda familiar, se a produção é orgânica, agroecológica ou convencional, mas também as expectativas dos feirantes quanto a cadeia produtiva de MAC.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. AGRICULTURA FAMILIAR E SERVIÇO PÚBLICO: NOVOS DESAFIOS PARA A EXTENSÃO RURAL. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v. 15, p.137-157, jan. 1998.

ALMEIDA, Mara Zélia de. **Plantas Mediciniais**. 3. ed. Salvador: UFBA, 2003. 224 p.

ARRUDA, Juliana. **Agricultura urbana na região metropolitana do Rio de Janeiro: sustentabilidade e repercussões na reprodução das famílias**. 2011. 197 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica-RJ, 2011.

BRANCO, Marina Castelo; ALCÂNTARA, Flávia A de. Hortas urbanas e periurbanas: o que nos diz a literatura brasileira? **Horticultura Brasileira**, Brasília, v. 29, n. 3, p.421-428, 3 jul. 2011.

CANCELIER, Janete Webler; CAMPOS, Nazareno José De; BERTOLLO, Valdecir Luiz (2005). **Agricultura familiar: Possibilidades e estratégias de reprodução; O caso de Chapecó – SC** (III Simpósio Nacional de Geografia Agrária – II Simpósio Internacional de Geografia Agrária Jornada Ariovaldo Umbelino de Oliveira – Presidente Prudente, 11 a 15 de novembro de 2005.

CÂMARA, A. T.; MARTINELLI, C. J.; NADAL, R. de. O desenvolvimento econômico em números. In: SIGNORI, A. A.; BOSENBECKER, L; UCZAI, P, F. **Chapecó: uma cidade transformada**. Chapecó: Imprimax, 2004.

CASTRO, Joana da Costa Lopes de. **Desenvolvimento de hortas urbanas na Alemanha: hebebrandquartier, HAMBURG-NORD**. 2012. 74 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura Paisagista, Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, Dusseldorf - Alemanha, 2012.

CORRÊA JUNIOR, Cirino; SCHEFER, Marianne Christina. **Plantas medicinais, aromáticas e condimentares**. Curitiba: Instituto Emater, 2013. 54 p.

COUTINHO, Edilma Pinto et al. FEIRAS LIVRES DO BREJO PARAIBANO: CRISE E PERSPECTIVAS. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 44., 2006, Fortaleza. **Anais...** . Bananeiras: UFPB, 2006. p. 1 - 12.

CONAB. **Companhia Nacional de Abastecimento**: Agricultura e abastecimento em boa companhia. Disponível em: <<http://www.conab.gov.br/conteudos.php?a=1125>>. Acesso em: 25 nov. 2016

CHAPECÓ, Prefeitura Municipal de. **PLANO DE DESENVOLVIMENTO RURAL**. Chapecó: [s. n.], 2015. 244 p.

FERRARI, Dilvan Luiz. **Cadeias agroalimentares curtas: a construção social de mercados de qualidade pelos agricultores familiares em Santa Catarina.** 2011. 347 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

FERRO, Degmar. **Fitoterapia: conceitos clínicos.** São Paulo: Atheneu, 2008. 502 p.

GHISLENI, Giselda Aparecida. **Associação de agricultores periurbanos: uma alternativa de desenvolvimento local na região missioneira do Rio Grande do Sul.** 2012. 72 f. Tese (Doutorado) - Curso de Desenvolvimento, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2012.

GONÇALVES, Sandra Cristina Campos. **Agricultura urbana num contexto de crise: Um estudo de caso na Área Metropolitana do Porto.** 2013. 147 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2013.

GRANDI, Telma Sueli Mesquita. **Tratado das plantas medicinais: minerais, nativas e cultivadas.** Belo Horizonte: Adaequatio Estúdio, 2014. 1204 p.

HECK, Rita Maria et al. **Plantas bioativas de uso humano por famílias de agricultores de base ecológica na região sul do RS.** Pelotas: Embrapa, 2007. 14 p.

LEITE, João Paulo Viana. **Fitoterapia: bases científicas e tecnológicas.** São Paulo: Editora Atheneu, 2009.

LOURENZANI, Wagner Luiz; LOURENZANI, Ana Elisa Bressan Smith; BATALHA, Mario Otávio. Barreiras e oportunidades na comercialização de plantas medicinais provenientes da agricultura familiar. **Informações Econômicas, SP**, v. 34, n. 3, mar. 2004.

LUNA, Josiane de Souza. **Estudo de plantas bioativas.** 2006. 254 f. Tese (Doutorado) - Curso de Química, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

MARTINEZ, E. A. Feira de produtos coloniais e agroecológicos. In: **Segurança alimentar e nutricional: a contribuição das empresas para a sustentabilidade das iniciativas locais.** (International Finance Corporation, Instituto Ethos de Empresas Responsabilidade Social, Pólis – Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Sociais). São Paulo: Instituto Pólis, 2003. p. 56-57.

MATOS, Rute Sousa. **A Reinvenção da Multifuncionalidade da Paisagem em Espaço Urbano - Reflexões.** 2010. 392 f. Tese (Doutorado) - Curso de Artes, Universidade de Évora, Évora, 2010.

MAZZA, Maria Cristina et al. A relevância das plantas medicinais no desenvolvimento de comunidades rurais no município de Guarapuava, Paraná. In: ENCONTRO DA SOCIEDADE

BRASILEIRA DE SISTEMAS DE PRODUÇÃO, 3., 1998, Guarapuava. **Anais...**
Florianópolis: [s. n.], 1998. p. 1 - 8.

Organização Mundial de Saúde (OMS). 2002. **Estratégia dela OMS sobre medicina tradicional 2002-2005.**

PEREIRA, Ana Maria; BERTONI, Bianca Waléria. Plantas como fonte de matéria prima para produção de fitoterápicos. In: FERRO, Degmar. **Fitoterapia: conceitos clínicos.** São Paulo: Atheneu, 2008. Cap. 4. p. 51-64.

REIS, Mucio. Silva. Manejo sustentado de plantas medicinais em ecossistemas tropicais. In: DISTASI, L.C. (Org.). **Plantas medicinais: arte e ciência - Um guia de estudo interdisciplinar.** São Paulo: USP, 1996. p.198-201.

SCHIEDECK, Gustavo. **Aproveitamento de plantas bioativas.** Disponível em:
<<http://www.portaldoagronegocio.com.br/artigo/aproveitamento-de-plantas-bioativas>>.
Acesso em: 06 set. 2016a.

SCHIEDECK, Gustavo. **Manejo de insetos com plantas bioativas em produção de base ecológica.** Disponível em:
<<http://www.diadecampo.com.br/zpublisher/materias/Materia.asp?id=26507&secao=ArtigosEspeciais>>. Acesso em: 07 set. 2016b.

SILVA, Sandra Maria Pereira da; MORAES, Irácelis Fátima de. Agricultura familiar e o programa Nacional de Fitoterápicos: como a política publica poderá viabilizar esta cadeia produtiva. **Revista Tecnologia & Inovação Agropecuária**, [s.l], v. 2, p.67-76, dez. 2008.

APÊNDICE

Demonstração das mudas e drogas vegetais comercializadas na feira do Centro (A, B1 e B2), feira do Calçadão (C e D) e feira bairro São Cristóvão (E).



Fonte: Elaborada pela autora.